

Porto Alegre convoca para as mobilizações

Forças sociais vindas do mundo inteiro nos reunimos no Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Sindicatos e ONGs, movimentos e organizações, intelectuais e artistas, construímos juntos uma grande aliança para criar uma nova sociedade, diferente da lógica atual que coloca o mercado e o dinheiro como a única medida do valor. Davos representa a concentração da riqueza, a globalização da pobreza e a destruição de nosso planeta. Porto Alegre representa a luta e a esperança de um novo mundo possível, onde o ser humano e a natureza são o centro de nossas preocupações.

Somos parte de um movimento em crescimento a partir de Seattle. Desafiamos as elites e seus processos anti-democráticos representados no Fórum Econômico de Davos. Viemos compartilhar nossas lutas, trocar experiências, fortalecer nossa solidariedade e manifestar nosso rechaço absoluto às políticas neoliberais da atual globalização.

Somos mulheres e homens, camponesas e camponeses, trabalhadoras e trabalhadores, profissionais, estudantes, desempregadas e desempregados, povos indígenas e negros, vindos do Sul e do Norte, que temos o compromisso de lutar pelos direitos dos povos, a liberdade, a segurança, o emprego e a educação. Somos contra a hegemonia do capital, a destruição de nossas culturas, a monopolização do conhecimento e dos meios de comunicação de massas, a degradação da natureza e a deterioração da qualidade de vida através das mãos das corporações transnacionais e das políticas anti-democráticas. A experiência da democracia participativa, como em Porto Alegre, mostra que alternativas concretas são possíveis. Reafirmamos a supremacia dos direitos humanos, ecológicos e sociais sobre as exigências dos capitais e dos investidores.

Ao mesmo tempo que fortalecemos nosso movimento, resistimos à elite global com o objetivo de melhorar a igualdade, a justiça social, a democracia e a segurança para todos, sem nenhuma discriminação. Nossos métodos e alternativas constituem um forte contraponto com as políticas destrutivas do neoliberalismo.

A globalização reforça um sistema sexista, excludente e patriarcal. Incrementa a feminização da pobreza e exacerba todas as formas de violência contra as mulheres. A igualdade entre homens e mulheres é uma dimensão central de nossa luta. Sem essa igualdade, outro mundo jamais seria possível.

A globalização neoliberal desata o racismo, continuidade do verdadeiro genocídio de séculos de escravidão e colonialismo, que destruíram as bases civilizatórias das populações negras da África. Chamamos todos os movimentos a se solidarizar com o povo africano dentro e fora do continente, na defesa de seus direitos à terra, cidadania, liberdade, igualdade e paz, através do resgate da dívida histórica e social. O tráfico de escravos e a escravidão são crimes contra a humanidade.

Expressamos especialmente nosso reconhecimento e solidariedade com os povos indígenas em sua histórica luta contra o genocídio e o etnocídio e em defesa de seus direitos, recursos naturais, cultura, autonomia, terra e território.

A globalização neoliberal destrói o meio ambiente, a saúde e as condições de vida do povo. A atmosfera, a água, a terra e também os seres humanos são transformados em mercadorias. A vida e a saúde devem ser reconhecidos como direitos fundamentais e as decisões econômicas devem ser submetidas a esse

princípio.

A dívida externa dos países do Sul já foi paga várias vezes. Injusta, ilegítima e fraudulenta, funciona como um instrumento de dominação, negando aos povos seus direitos fundamentais com o único fim de aumentar a usura internacional. Exigimos a anulação incondicional e a reparação das dívidas históricas, sociais e ecológicas, como passos imediatos para a solução definitiva das crises que a dívida externa provoca.

Os mercados financeiros extraem os recursos a a riqueza dos povos e sujeitam as economias nacionais à instabilidade dos especuladores. Reclamamos o fechamento dos paraísos fiscais e a introdução de impostos sobre as transações financeiras.

As privatizações transferem bens públicos e recursos às transnacionais. Nos opomos a toda forma de privatização de recursos naturais e de bens públicos. Fazemos um chamado para proteger o acesso a eles para dar uma vida digna para todas e todos.

As corporações multinacionais organizam a produção mundial com um desemprego massivo, baixos salários e trabalho não qualificado e se recusam a reconhecer os direitos fundamentais dos trabalhadores, tal como foram definidos pela OIT. Reclamamos o reconhecimento genuíno dos direitos dos sindicatos a se organizar e negociar para conquistar novos direitos para os/as trabalhadores/as. Enquanto bens e capitais podem atravessar livremente as fronteiras, as restrições sobre o movimento da população e exacerbam a exploração e a repressão. Exigimos o fim de tais restrições.

Demandamos um sistema de comércio justo que garanta pleno emprego, segurança alimentar, termos de troca equitativos e prosperidade local. O “livre comércio” não é tão livre assim. As regras do comércio global provocam a acumulação acelerada de riqueza e poder pelas corporações transnacionais, ao mesmo tempo que geram maior marginalização e empobrecimento de camponeses e camponesas, trabalhadores e trabalhadoras e empresas locais. Reclamamos dos governos que respeitem suas obrigações segundo os instrumentos internacionais sobre direitos humanos e os acordos ambientais multilaterais. Convocamos a apoiar as mobilizações contra a criação da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), uma iniciativa que significa a recolonização da região e a destruição dos direitos humanos fundamentais sociais, econômicos, culturais e ambientais.

O FMI, o Banco Mundial, os bancos regionais, a OMC, a OTAN e outras alianças militares são alguns dos agentes multilaterais da globalização transnacional. Exigimos o fim de sua interferência nas políticas nacionais. Essas instituições não têm legitimidade frente ao povo e vamos continuar protestando contra suas políticas.

A globalização neoliberal tem provocado a concentração da terra e promovido uma agricultura transnacionalizada, destrutiva em termos sociais e ambientais. Se baseia na produção para a exportação que precisa de grandes plantações e da construção de represas – o que provoca a expulsão das pessoas de suas terras e a destruição de seus meios de vida, os que devem ser restituídos. Demandamos uma Reforma Agrária democrática com o uso por parte do campesinato da terra, da água e das sementes. Promovemos processos agrícolas sustentáveis. As sementes e o material genético são patrimônio da humanidade. Exigimos a abolição do uso de transgênicos e patentes sobre a vida.

O militarismo e a globalização em mãos de corporações transnacionais se reforçam mutuamente para destruir as bases da democracia e da paz. Nos recusamos firmemente a aceitar a guerra como caminho para resolver conflitos. Estamos contra o armamentismo e o comércio de armas. Exigimos o fim da repressão e da criminalização dos protestos sociais. Condenamos a intervenção militar estrangeira em assuntos internos de nossos países. Exigimos o fim dos embargos e sanções que são utilizados como instrumentos de agressão e expressamos nossa solidariedade com os povos que sofrem suas consequências. Rechaçamos a intervenção militar norteamericana em América Latina através do Plano Colômbia.

Chamamos a reforçar nossa aliança sobre esses temas principais e a implementar ações comuns. Vamos seguir mobilizando em função delas até o próximo Fórum. Reconhecemos que contamos agora com uma melhor situação para desenvolver a luta por um mundo diferente, sem miséria, fome, discriminação ou violência; a favor de uma melhor qualidade de vida, com igualdade, respeito e paz.

Temos o compromisso de apoiar todas as lutas de nossa agenda coletiva que mobilizem a oposição ao neoliberalismo. Entre as prioridades para os próximos meses, vamos mobilizarmos globalmente contra:

- o Fórum Econômico Mundial em Cancún, México em 26-27 de fevereiro;
- a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), em Buenos Aires, Argentina em 6-7 de abril e em Quebec, Canada em 17-22 de abril;
- o Asian Development Bank, em maio em Honolulu;
- a cúpula do G-8 em Gênova, Itália, em 15-22 de julho;
- o FMI e o Banco Mundial, sua Assembleia anual em Washington DC, de 28 de setembro ao 4 de outubro;
- a OMC, em 5-9 de novembro (Qatar).

No dia 17 de abril, estaremos junto com a mobilização internacional contra as importações de produtos agrícolas baratos que geram “dumping” econômico e social e junto com a mobilização feminista em Genova, contra a globalização. Apoiamos o chamado a um dia mundial de ação contra a Dívida Externa, a se realizar este ano no dia 20 de julho e a mobilização para a Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação, a Xenofobia e formas correlatas de Intolerância (Durban, África do Sul - 31 de agosto a 07 de setembro de 2001).

Essas propostas formam parte das alternativas elaboradas pelos movimentos sociais do mundo todo. Baseiam-se no princípio de que os seres humanos e a vida não são mercadorias. E no compromisso com o bem-estar e os direitos humanos de todos e todas.

Nossa participação no Fórum Social Mundial enriqueceu a compreensão de cada uma de nossas lutas e saímos fortalecidos. Chamamos todos os povos do mundo a se unirem a esta luta pela construção de um futuro melhor. O Fórum Social Mundial de Porto Alegre é um caminho para a soberania de nossos povos e para um mundo justo.

Ação da Cidadania contra a Fome e pela Vida, São Paulo (Brasil)
 Agir ensemble contre le Chomage - AC! - (France)
 Agremiação de Funcionarios de la Universidad de la República - AFFUR (Uruguay)
 Alianza Social Continental (toda América)
 Alternative information and development center (South Africa)
 Alternatives (Canada)
 Amigos de la Tierra Internacional
 Ananda Marga (Sudamérica)
 ARCI (Italy)
 Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadores Rurais (Brasil)
 Asamblea Permanente por los Derechos Humanos (Argentina)
 Asociación Sindical de Profesionales de la Salud de Buenos Aires (Argentina)
 Associação potiguar amigos de natureza (Brasil)
 Associazione per la pace (Italy)
 Associazione Ya Basta (Italy)
 Associone Nazionale Artisti-Artigiani di Strada (Italy)
 Assozione Culturale Punto Rosso (Italy)
 ATTAC (Argentina)
 ATTAC (Brasil)
 ATTAC (France)
 ATTAC (Russia)
 ATTAC (Suisse)
 ATTAC (Uruguay)
 ATTAC Catalunya (Spain)
 Bloque Social Alternativo - Comité de Integracion del Macizo Colombiano
 Cambodian Human Rights & Development Association (Cambodia)
 Campaign for popular democracy (Thailand)
 Carta del cantieri sociali (Italy)
 Casa diritti sociali (Italy)
 Central de Trabajadores Argentinos - CTA
 Central dos Movimentos Populares - CMP (Brasil)
 Central Independiente de Obreros Agrícolas y Campesinos (México)
 Central Única dos Trabalhadores (Brasil)
 Centro cultural 25 de abril (Brasil)
 Centro de Estudios e Assessoria em Política Publicas - CEAPP, (Brasil)
 Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul - CPERS (Brasil)
 Centro Felix Varela (Alemania)
 Centro Felix Varela (Cuba)
 Centro Novo Modello di Suiluppo (Italy)
 Centrostudi Internazionali Milano (Italy)

Cetim (Suisse)
 CIPSI (Italy)
 Coalición de Organizaciones Democráticas Urbanas y Campesinas - CODUC (México)
 Comisión Independiente de Derechos Humanos de Morelos (México)
 Comitato anti WTO Abruzzo (Italy)
 Comité de l'appel de Bangkok (Suisse)
 Comité de proyectos de comercio solidario (Italia)
 Comité pour l'annulation de la dette du Tiers monde (Belgique)
 Comunita impegno servizio volontario (Italy)
 Confederação Nacional dos Bancários - CNB/CUT (Brasil)
 Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação - CNTE (Brasil)
 Confederació General del Treball - CGT (Illes Balears, España)
 Confederación de Organizaciones de Funcionarios del Estado - COFE (Uruguay)
 Confederacion General del Trabajo (CGT - disidente) de la Republica Argentina
 Confederation des Syndicats Nationaux - Quebec (Canadá)
 Confederazione Cobas (Italy)
 Congreso Nacional Indígena (México)
 Consorcio italiano di solidarietà (Italy)
 Consulta popular (Brasil)
 Contato Italiano Per l'acqua (Italy)
 Cooperativa MAG Financera (Italia)
 Coordinación Nacional de Organizaciones Campesinas - CNOC (Guatemala)
 Coordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo - CLOC (América Latina)
 Coordinadora Nacional Plan de Ayala - CNPA (México)
 Coordinamento Asociación Pacfiste Venecia (Italy)
 Coordinamento Lombardo Antiwito (Italy)
 CREA/RS (Brasil)
 Dialogo 2000 (Argentina)
 Diverse Women for Diversity (Índia, México, Europa)
 Droit au logement (France)

Espaces Marx (France)
 Fala Preta - Organização de Mulheres Negras (Brasil)
 FASE (Brasil)
 Federação dos Trabalhadores no Comercio no Estado do Ceará - Fetrace (Brasil)
 Federação Nacional dos Sociólogos (Brasil)
 Federation internationale syndicale de l'enseignement (France)
 Federation sindacale unifie (France)
 Feministas del movimientto social de mujeres de Argentina
 Feriwalla Vikas Mahasangh (India)
 Fisics per al desenvolpment (Spain)
 Focus on the global south (Thailand)
 Fórum Brasileiro de ONGs de Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Brasil)
 Fórum Mondiale Alternative Itália (Italy)
 France - Amerique Latine (France)
 France Libertes (France)
 Fundação para o Desenvolvimento da Juventude Rural (Brasil)
 Fundación genero y sociedad (Argentina)
 Fundación José Maria Llorens (Argentina)
 Gamins de l'Art rue (France)
 Grupo de Apoyo Mby'a Guarani (Paraguay)
 Grupo de Reflexión Rural (Argentina)
 Grupo para la contra información sobre la América Latina (Grecia)
 Grupos de estudiantes solidarios (Argentina)

 Hemen eta munduan - iniciativa popular de euskal herria
 Holy cross justice commission
 Instituto Olga Benario Prestes (Brasil)
 Instituto Terrazul (Brasil)
 Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas - IIEP (Brasil)
 INTERFOROS (Honduras)
 Intersindical Alternativa de Catalunya (Espanña)
 Intersocial Montevideo (Uruguay)
 Japan Network on Debt and Poverty (Japan)

Jubileo sur
 Juventude avançando (Brasil)
 Korean Catholic Coalition for Alternative Economics (Korea)
 Korean Confederation of Trade Unions - KCTU - (Korea)
 Korean Farmers League (Korea)
 Kopa - Korean organisation against free trade (Korea)
 KPA - Consortium for agrarian reform (Indonesia)
 Labour Coordinating Center (Thailand)
 Labor Working Group (Indonesia)
 Lavoro societa - Cgil (Italia)
 Lega Ambiente (Italy)
 Lega Italiana per la Lotta Contro L¹AIDS (Italy)
 Liberazione (Italy)
 Loro Yunounu Sangh (India)
 Lunaria (Italy)
 Madres de Plaza de Mayo – Linea Fundadora (Argentina)
 Marche mondiale des femmes contre lês violences et la pauvrete
 MNCP (France)
 Movimento de Educação Popular e Direitos Humanos (Brasil)
 Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Rio Grande do sul (Brasil)
 Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB (Brasil)
 Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Brasil)
 Movimento laici America Latina (Italy)
 Movimiento de Educacion Popular e Direitos Humanos (Brasil)
 Movimiento de mulheres agriculturas
 Movimiento dos conselhos populares (Brasil)
 Movimiento unido de solidaridade para Colombia
 Mujeres de México, Chihuahua (México)
 Multisectorial de Mujeres (Argentina)
 Narmada Bachao Andolan - NBA - (India)
 Network for the political and social rights (Grecia)
 Organización Regional Interamericana de Trabajadores - ORIT (toda América)
 Organizaciones Multisectoriales de Mujeres (Argentina)

Pastoral da juventude rural do Brasil
Paz y tercer mundo (Spain)
Rete Contro G8 (Italy)
Project for ecological recovery - PER -
(Thailand)
Radio Citta Pescara (Italy)
Red ciudadana para la abolición de la
deuda externa (Spain)
REDES (Red de Ecologia Social) Amigos
de la Tierra (Uruguay)
Rete di Lilliput (Italy)
Rete radie resch (Italy)
Revista Cuadernos del Sur (Argentina)
Revista Thesseis (Grécia)
Rivista Altra Economia ((Italy)
Sempreviva Organização Feminista
(Brasil)
Servicio Jurídico Integral para el
Desarrollo Agrario
Servicio paz y justicia en America
Latina
SIN Cobas (Italy)
Sind. Nacional dos Trabalhadores do
Banco Central do Brasil - SINAL
Sindicato de Profesionales de la Salud
de Buenos Aires (Argentina)
Sindicato de Sociólogos do Est. de RS
(Brasil)
Sindicato de trabajadores sociales de
Paraguay
Sindicato dos Químicos de Osasco e
região, São Paulo (Brasil)
Sindicato dos Químicos de São Jose dos
Campos (Brasil)
Sindicato dos Rodoviários de
Cachoeirinha, RS (Brasil)

Sindicato dos Servidores Civis nas
Forças Armadas do RJ (Brasil)

Sindicato dos Sociólogos do Est. de SP
(Brasil)
Sindicato dos Trabalhadores da
Universidade de Brasília (Brasil)
Sindicato dos Trabalhadores Federais
em Saúde, Previdência e Seguridade
Social (Brasil)
Sindicato dos Trabalhadores
Urbanitários no Distrito Federal (Brasil)
Sindicato Nacional dos trabalhadores
dos Institutos de Pesquisa e
Desenvolvimento Agropecuário (Brasil)
Sindicato Servidores Municipais Caxias
do Sul - RS (Brasil)
Sind-Saúde-MG (Brasil)
SUD-PTT (France)
Syndicat national de l'enseignement
superieur (France)
Tandem sur norte (Argentina, Francia,
Brasil)
Telang Ana Front (India)
Transnational Institute - TNI -
(Netherlands)
Tribunal Ético contra la Impunidad
(Paraguay)
Tutti Altra Arte (Italy)
Union de Mujeres de la Argentina - UMA
Unión Nacional de Organizaciones
Regionales Campesinas Autónomas -
UNORCA (México)
Unione Italiana Spor Per Tutti (Italy)
Via campesina
Vida, si! (Argentina)
WINFA (Caribbean farmers, West indies)
World Rainforest Movement
Youth Unity & Volontary Action- YUVA -
(India)

Llamado de Porto Alegre para las próximas movilizaciones

Fuerzas sociales procedentes de todo el mundo, nos hemos reunido aquí en el Foro Social Mundial de Porto Alegre. Sindicatos y ONGs, movimientos y organizaciones, intelectuales y artistas, construimos juntos una gran alianza para crear una nueva sociedad, distinta a la lógica actual que coloca al mercado y al dinero como la única medida de valor. Davos representa la concentración de la riqueza, la globalización de la pobreza y la destrucción de nuestra planeta. Porto Alegre representa la lucha y la esperanza de un nuevo mundo posible, donde el ser humano y la naturaleza son el centro de nuestras preocupaciones.

Formamos parte de un movimiento en crecimiento a partir de Seattle. Desafiamos a las elites y sus procesos anti-democraticos, representados en el Foro Económico de Davos. Venimos a compartir nuestras luchas, intercambiar experiencias, fortalecer nuestra solidaridad y manifestar nuestro rechazo absoluto a las políticas neoliberales de la presente globalización.

Somos mujeres y hombres: campesinas y campesinos, trabajadoras y trabajadores, profesionales, estudiantes, desempleadas y desempleados, pueblos indígenas y negros, provenientes del Sur y del Norte, comprometidos a luchar por los derechos de los pueblos, la libertad, la seguridad, el empleo y la educación. Estamos en contra de la hegemonia del capital, la destrucción de nuestras culturas, la monopolización del conocimiento y de los medios de comunicación de masas, la degradación de la naturaleza y el deterioro de la calidad de vida por las corporaciones transnacionales y las políticas anti-democráticas. La experiencia de la democracia participativa, como en Porto Alegre, demuestra que alternativas concretas son posibles. Reafirmamos la supremacía de los derechos humanos, ecológicos y sociales sobre las exigencias de los capitales y de los inversionistas.

Al mismo tiempo que fortalecemos nuestro movimiento, resistimos a la elite global, con el fin de mejorar la equidad, la justicia social, la democracia y la seguridad para todos, sin distinción alguna. Nuestros métodos y alternativas constituyen un fuerte contraste con las políticas destructivas del neo-liberalismo.

La globalización refuerza un sistema sexista, excluyente y patriarcal. Incrementa la feminización de la pobreza y exacerba todas las formas de violencia contra las mujeres. La igualdad entre hombres y mujeres es una dimensión central de nuestra lucha. Sin esta igualdad, otro mundo jamás será posible.

La globalización neoliberal desata el racismo, dando seguimiento al verdadero genocidio de siglos de esclavitud y colonialismo, que destruyeron las bases civilizatorias de las poblaciones negras de África. Llamamos a todos los movimientos a solidarizarse con el pueblo africano dentro y fuera del continente, en la defensa de sus derechos a la tierra, la ciudadanía, la libertad, la igualdad y la paz, mediante el rescate de la deuda histórica y social. El tráfico de esclavos y la esclavitud son crímenes contra la humanidad.

Expresamos especialmente nuestro reconocimiento y solidaridad con los pueblos

indígenas en su histórica lucha contra el genocidio y el etnocidio y en defensa de sus derechos, recursos naturales, cultura, autonomía, tierra y territorio.

La globalización neoliberal destruye el medio ambiente, la salud y las condiciones de vida del pueblo. La atmósfera, el agua, la tierra y también los seres humanos son transformados en mercancías. La vida y la salud deben ser reconocidos como derechos fundamentales y las decisiones económicas deben estar sometidas a ese principio.

La Deuda Externa de los países del Sur ha sido pagada varias veces. Injusta, ilegítima y fraudulenta, funciona como instrumento de dominación, privando a los pueblos de sus derechos fundamentales con el único fin de aumentar la usura internacional. Exigimos su anulación incondicional y la reparación de las deudas históricas, sociales y ecológicas, como pasos inmediatos hacia una solución definitiva de las crisis que la Deuda Externa provoca.

Los mercados financieros extraen los recursos y la riqueza de los pueblos y sujetan las economías nacionales a los vaivenes de los especuladores. Reclamamos el cierre de los paraísos fiscales y la introducción de impuestos sobre transacciones financieras.

Las privatizaciones transfieren los bienes públicos y los recursos hacia las transnacionales. Nos oponemos a toda forma de privatización de recursos naturales y bienes públicos. Hacemos un llamado de proteger el acceso a los mismos para proporcionar una vida digna para todas y todos.

Las compañías multinacionales organizan la producción mundial con un desempleo masivo, bajos salarios y trabajo no calificado y se niegan a reconocer los derechos fundamentales de los trabajadores, tal como son definidos por la OIT. Reclamamos el reconocimiento genuino de los derechos de los sindicatos para organizarse y negociar y para alcanzar nuevos derechos para los y las trabajadores. Mientras bienes y capital pueden cruzar libremente las fronteras, las restricciones sobre el movimiento del pueblo exacerban la explotación y la represión. Exigimos el fin de tales restricciones.

Demandamos un sistema de comercio justo que garantice empleo pleno, soberanía alimentaria, términos de intercambio equitativos y prosperidad local. El "libre comercio" no es tan libre. Las reglas del comercio global provocan la acumulación acelerada de riqueza y poder a las corporaciones transnacionales, a la vez que generan mayor marginalización y empobrecimiento de campesinas y campesinos, trabajadoras y trabajadores y empresas locales. Reclamamos a los gobiernos que respeten sus obligaciones según los instrumentos internacionales sobre derechos humanos y los acuerdos ambientales multilaterales. Convocamos a apoyar las movilizaciones en contra de la creación del Área de Libre Comercio de las Américas, una iniciativa que significa la recolonización de la región y la destrucción de los derechos humanos fundamentales sociales, económicos, culturales y ambientales.

El FMI, el Banco Mundial y los bancos regionales, la OMC, la OTAN y otras alianzas militares son algunas de las agentes multilaterales de la globalización transnacional. Exigimos el cese de su interferencia en las políticas nacionales. Estas instituciones no tienen legitimidad ante los ojos del pueblo y vamos a continuar con protestas en contra de sus medidas.

La globalización neoliberal ha provocado la concentración de la tierra y promovido una agricultura transnacionalizada, destructiva en lo social y ambiental. Se basa en producción para la exportación que necesita de grandes plantaciones y de construcción de represas lo que trae aparejado la expulsión de la gente de su tierra y la destrucción de sus medios de vida, los que deben ser restituidos. Demandamos una Reforma Agraria democrática con usufructo por parte del campesinado de la tierra, del agua y de las semillas. Promovemos procesos agrícolas sustentables. Las semillas y el material genético son patrimonio de la humanidad. Exigimos la abolición del uso de transgénicos y patentes sobre la vida.

El militarismo y la globalización en manos de corporaciones transnacionales se refuerzan para socavar la democracia y la paz. Nos negamos totalmente a aceptar la guerra como camino para resolver los conflictos. Estamos contra el armamentismo y el comercio de armas. Exigimos el fin de la represión y de la criminalización de la protesta social. Condenamos la intervención militar extranjera en los asuntos internos de nuestros países. Exigimos el levantamiento de los embargos y sanciones que son utilizados como instrumentos de agresión y expresamos nuestra solidaridad con quienes sufren sus consecuencias. Rechazamos la intervención militar estadounidense a través del Plan Colombia en América Latina.

Llamamos a reforzar nuestra alianza frente a estos temas principales e implementar acciones en común. Vamos a seguir movilizándonos alrededor de ellas hasta el próximo Foro. Reconocemos que contamos ahora con una mejor posición para emprender una lucha en favor de un mundo distinto, sin miseria, hambre, discriminación ni violencia; en favor de una mejor calidad de vida, con equidad, respeto y paz.

Nos comprometemos a apoyar a todas las luchas de nuestra agenda colectiva que movilice la oposición al neoliberalismo. Entre las prioridades para los meses venideros, vamos a movilizarnos globalmente en contra del:

- Foro Económico Mundial en Cancún, México del 26 al 27 de febrero
- Área de Libre Comercio de las Américas, en Buenos Aires, Argentina el 6-7 de abril y en Quebec, Canadá del 17-22 de abril
- Asian Development Bank, en mayo en Honolulu
- Cumbre del G-8 en Génova, Italia, del 15-22 de julio
- FMI y del Banco Mundial, Asamblea anual en Washington DC, del 28 de septiembre al 4 de octubre
- OMC, del 5-9 de noviembre (Qatar)

El 17 de abril, nos uniremos a la movilización internacional en la lucha contra las importaciones de productos agrícolas baratos que generan "dumping" económico y social. Asimismo, a la movilización feminista en Genua, contra la globalización. Apoyamos el llamado a un día mundial de acción contra la Deuda Externa, a realizarse este año el 20 de julio y la movilización para la Conferencia Mundial contra el Racismo, Discriminación, Xenofobia y formas correlatas de Intolerancia (Durban, África del Sur - 31 de agosto a 07 de septiembre de 2001).

Estas propuestas formuladas forman parte de las alternativas elaboradas por los movimientos sociales de todo el mundo. Se basan en el principio que los seres humanos y la vida no son mercancías. Asimismo, en el compromiso con el bienestar y los derechos humanos de todas y todos.

Nuestra participación en el Foro Social Mundial ha enriquecido la comprensión de cada una de nuestras luchas y hemos salido fortalecidos. Llamamos a todos los pueblos del

mundo a unirse a esta lucha por construir un futuro mejor. El Foro Social Mundial de Porto Alegre es un camino hacia la soberanía de los pueblos y un mundo justo.

Porto Alegre Call for Mobilisation

Social forces from around the world have gathered here at the World Social Forum in Porto Alegre. Unions and NGOs, movements and organizations, intellectuals and artists, together we are building a great alliance to create a new society, different from the dominant logic wherein the free-market and money are considered the only measure of worth. Davos represents the concentration of wealth, the globalization of poverty and the destruction of our earth. Porto Alegre represents the hope that a new world is possible, where human beings and nature are the center of our concern.

We are part of a movement which has grown since Seattle. We challenge the elite and their undemocratic processes, symbolised by the World Economic Forum in Davos. We came to share our experiences, build our solidarity, and demonstrate our total rejection of the neoliberal policies of globalisation.

We are women and men, farmers, workers, unemployed, professionals, students, blacks and indigenous peoples, coming from the South and from the North, committed to struggle for peoples' rights, freedom, security, employment and education. We are fighting against the hegemony of finance, the destruction of our cultures, the monopolization of knowledge, mass media, and communication, the degradation of nature, and the destruction of the quality of life by multinational corporations and anti-democratic policies. Participative democratic experiences -- like that of Porto Alegre -- show us that a concrete alternative is possible. We reaffirm the supremacy of human, ecological and social rights over the demands of finance and investors.

At the same time that we strengthen our movements, we resist the global elite and work for equity, social justice, democracy and security for everyone, without distinction. Our methodology and alternatives stand in stark contrast to the destructive policies of neo-liberalism.

Globalisation reinforces a sexist and patriarchal system. It increases the feminisation of poverty and exacerbates all forms of violence against women. Equality between women and men is central to our struggle. Without this, another world will never be possible.

Neoliberal globalization increases racism, continuing the veritable genocide of centuries of slavery and colonialism which destroyed the bases of black African civilizations. We call on all movements to be in solidarity with African peoples in the continent and outside, in defense of their rights to land, citizenship, freedom, peace, and equality, through the reparation of historical and social debts. Slave trade and slavery are crimes against humanity.

We express our special recognition and solidarity with indigenous peoples in their historic struggle against genocide and ethnocide and in defense of their rights, natural resources, culture, autonomy, land, and territory.

Neoliberal globalisation destroys the environment, health and people's living environment. Air, water, land and peoples have become commodities. Life and health must be recognized as fundamental rights which must not be subordinated to economic policies.

The external debt of the countries of the South has been repaid several times over. Illegitimate,

unjust and fraudulent, it functions as an instrument of domination, depriving people of their fundamental human rights with the sole aim of increasing international usury. We demand its unconditional cancellation and the reparation of historical, social, and ecological debts, as immediate steps toward a definitive resolution of the crisis this Debt provokes.

Financial markets extract resources and wealth from communities and nations, and subject national economies to the whims of speculators. We call for the closure of tax havens and the introduction of taxes on financial transactions.

Privatisation is a mechanism for transferring public wealth and natural resources to the private sector. We oppose all forms of privatisation of natural resources and public services. We call for the protection of access to resources and public goods necessary for a decent life.

Multinational corporations organise global production with massive unemployment, low wages and unqualified labour and by refusing to recognise the fundamental worker's rights as defined by the ILO. We demand the genuine recognition of the right to organise and negotiate for unions, and new rights for workers to face the globalisation strategy. While goods and money are free to cross borders, the restrictions on the movement of people exacerbate exploitation and repression. We demand an end to such restrictions.

We call for a trading system which guarantees full employment, food security, fair terms of trade and local prosperity. Free trade is anything but free. Global trade rules ensure the accelerated accumulation of wealth and power by multinational corporations and the further marginalisation and impoverishment of small farmers, workers and local enterprises. We demand that governments respect their obligations to the international human rights instruments and multilateral environmental agreements. We call on people everywhere to support the mobilizations against the creation of the Free Trade Area in the Americas, an initiative which means the recolonization of Latin America and the destruction of fundamental social, economic, cultural and environmental human rights.

The IMF, the World Bank and regional banks, the WTO, NATO and other military alliances are some of the multilateral agents of neoliberal globalisation. We call for an end to their interference in national policy. These institutions have no legitimacy in the eyes of the people and we will continue to protest against their measures.

Neoliberal globalization has led to the concentration of land ownership and favored corporate agricultural systems which are environmentally and socially destructive. It is based on export oriented growth backed by large scale infrastructure development, such as dams, which displces people from their land and destroys their livelihoods. Their loss must be restored. We call for a democratic agrarian reform. Land, water and seeds must be in the hands of the peasants. We promote sustainable agricultural processes. Seeds and genetic stocks are the heritage of humanity. We demand that the use of transgenics and the patenting of life be abolished.

Militarism and corporate globalisation reinforce each other to undermine democracy and peace. We totally refuse war as a way to solve conflicts and we oppose the arms race and the arms trade. We call for an end to the repression and criminalisation of social protest. We condemn foreign military intervention in the internal affairs of our countries. We demand the lifting of embargoes and sanctions used as instruments of aggression, and express our solidarity with those who suffer their consequences. We reject US military intervention in Latin America through the Plan Colombia.

We call for a strengthening of alliances, and the implementation of common actions, on these principal concerns. We will continue to mobilize on them until the next Forum. We recognize that we are now in a better position to undertake the struggle for a different world, a world without misery, hunger, discrimination and violence, with quality of life, equity, respect and peace.

We commit ourselves to support all the struggles of our common agenda to mobilise opposition to neoliberalism. Among our priorities for the coming months, we will mobilize globally against the:

- World Economic Forum, Cancun, Mexico, 26 and 27 February
- Free Trade Area of the Americas, Buenos Aires, Argentina, 6-7 April and Quebec City, Canada, 17-22 April
- Asian Development Bank, Honolulu, May
- G8 Summit, Genova, Italy, 15-22 July
- IMF and World Bank Annual Meeting, Washington DC, USA, 28 September - 4 October
- World Trade Organisation, 5-9 November (Qatar)

On April 17, we will support the international day of struggle against the importation of cheap agricultural products which create economic and social dumping, and the feminist mobilization against globalization in Genova. We support the call for a world day of action against debt, to take place this year on July 20 and the mobilization for the World Conference against Racism, Racial Discrimination, Xenophobia and Related Intolerance (Durban, South Africa - 31 August-7 September 2001).

The proposals formulated are part of the alternatives being elaborated by social movements around the world. They are based on the principle that human beings and life are not commodities, and in the commitment to the welfare and human rights of all.

Our involvement in the World Social Forum has enriched understanding of each of our struggles and we have been strengthened. We call on all peoples around the world to join in this struggle to build a better future. The World Social Forum of Porto Alegre is a way to achieve peoples' sovereignty and a just world.